INSEGURANÇA URBANA EM CHAPECÓ: REFLEXÕES PRELIMINARES

Vitor Hugo Batista Santos [1]

João Henrique Zöehler Lemos [2]

Igor de França Catalão [3]

Resumo:

A insegurança urbana tem-se constituído como importante elemento da produção/apropriação do espaço urbano contemporâneo, em especial diante da emergência do processo de fragmentação socioespacial. Nas cidades brasileiras, das grandes às de porte médio, as estratégias de seleção/evitamento vinculadas à construção de um imaginário de cidades inseguras marcam as práticas espaciais dos citadinos, em particular considerando-se a ampliação do acesso ao consumo e a predominância dos espaços securitizados como mediação da sociabilidade urbana. Essa cultura do medo produz resultados significativos para a indústria voltada aos serviços de segurança. A arquitetura da insegurança passa a ser cada vez mais presente nos centros urbanos, em que grandes muros e sistemas de vigilância se tornam muito comuns. Os lugares que mais sofrem com esse imaginário do perigo são espaços públicos, que têm seus objetivos sociais modificados e passam a ser evitados por parte dos citadinos ou vigilados por parte do poder público. A adversidade é que os agentes promovem o fim dos antigos laços sociais na tentativa desenfreada de superar a insegurança em que imaginam viver. Um dos objetivos de maior relevância para o estudo é analisar as estratégias adotadas pelos citadinos frente à insegurança urbana e como estas são condicionadas pelas características da formação socioespacial, contribuindo em maior ou menor medida para o desenvolvimento da fragmentação socioespacial e para a construção do direito à cidade. No âmbito da linha de pesquisa Urbanização e do (contra)desenvolvimento, é executado o projeto de iniciação científica intitulado "Da insegurança urbana à fragmentação socioespacial em Chapecó, SC" que tem por objetivo compreender as dinâmicas espaciais decorrentes do crescimento da insegurança urbana. As análises são feitas através de leituras de obras relacionadas a produção do espaço urbano e da insegurança urbana, observações sistemáticas e registro das estratégias adotadas pelas residências no que se refere à sensação de insegurança. O levantamento de dados sobre o uso em Chapecó de sistemas de videovigilância das vias públicas e a identificação das empresas de segurança que atuam em Chapecó também possuem grande importância para a pesquisa. no âmbito do projeto guarda-chuva ao qual esta pesquisa de iniciação científica se vincula, analisa-se o processo de fragmentação socioespacial na sobreposição de três dimensões: as alterações nos tecidos urbanos, as transformações nas práticas espaciais cotidianas dos citadinos e as mudanças nas representações e significações que integram o imaginário dos citadinos.

Palavras-chave: insegurança urbana; cidade; fragmentação socioespacial; violência

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

INSEGURANÇA URBANA EM CHAPECÓ: REFLEXÕES PRELIMINARES

[1] Aluno de graduação. vitortecnico2000@gmail.com. Autor principal

[2] Graduando em Geografia pela Universidade Federal da Fronteira Sul. joao.zoehler@gmail.com. Co-autor

[3] Docente. igor.catalao@uffs.edu.br. Orientador

INSEGURANÇA URBANA EM CHAPECÓ: REFLEXÕES PRELIMINARES

1 INTRODUÇÃO

Consideramos, de acordo com Magrini (2013) e Sposito e Góes (2013), que a insegurança urbana é um dos elementos que compõem o processo de fragmentação socioespacial, visto que requalifica as relações entre os citadinos e entre eles e os diferentes espaços das cidades a partir de uma lógica de separação e evitamento extremos, que levam ao enfraquecimento das articulações que mantinham unidas as diferentes partes que constituem as cidades. Com a insegurança urbana como pano de fundo, os citadinos tendem a achar normal o isolamento em espaços tidos como mais seguros e o evitamento da apropriação de espaços e contatos com segmentos sociais representados como perigosos. Aqueles que não tomam estas "precauções" são vistos como imprudentes e irresponsáveis, afinal, nos dias de hoje, a busca por segurança foi transformada em valor norteador das experiências urbanas, não só das elites, mas da sociedade em geral. As representações acerca da insegurança urbana servem de justificativa para esses processos disjuntivos, sendo ancoradas em preconceitos e em estigmatizações socioespaciais. Em convergência com as constatações de autores como Salgueiro (1997), Caldeira (2000), Souza (2008), Capron (2006) e Catalão (2013), Magrini e Catalão (2017) construíram uma compreensão de que a produção de enclaves é uma das principais características da fragmentação socioespacial. Segundo os autores, um traço definidor dos enclaves é seu caráter de isolamento em relação aos espaços com os quais mantém continuidade e também com o restante das parcelas das cidades. O tipo mais emblemático de enclave são os loteamentos fechados, que quebram a unidade da cidade a partir da presença dos muros e dos sistemas de controle do acesso. Grande parte dos estudos sobre esta temática enfocam os enclaves produzidos para as elites e para os segmentos médios, nos quais as barreiras são mais ostensivas e visíveis.

Essa sensação de insegurança e medo urbano muito se deve pela abordagem feita pelas mídias locais, que comumente se encarregam de amplificar e retroalimentar o medo. Além de favorecer o processo de gentrificação de locais específicos no espaço urbano, as mídias possuem influência o suficiente para garantir votos a candidatos no poder executivo e legislativo., Souza (2008) aponta que a sensação de criminalidade rende boas manchetes, da mesma forma que a exposição ao crime rende bons negócios (de carros blindados e armas, como também "condomínios exclusivos"). Um episódio conhecido popularmente como símbolo do controle de mídia na cidade de Chapecó foi o linchamento dos irmãos Orlando e Armando Lima e dos amigos Romano Ruani e Ivo de Oliveira Paim em novembro de 1956. Os jornais locais "A voz de Chapecó" e a "Rádio Sociedade Oeste Catarinense", cujos proprietários estavam vinculados ao partido governante do município, não polemizaram em torno do crime, mas desde o princípio assumiram defesa do delegado local. (HASS, 2013).

Catalão, Magrini e Lindo (2018) propõem, como agenda de pesquisa urbana, analisar como as representações acerca da insegurança urbana e as práticas de securitização adotadas pelos citadinos são condicionadas pelas características da formação socioespacial em que as cidades estão inseridas, contribuindo em maior ou menor medida para o desenvolvimento da fragmentação socioespacial e para a construção do direito à cidade. Desse ponto de vista, antes de chegar à análise dos conteúdos das vidas dos citadinos, é necessário analisar os

conteúdos das formas espaciais vinculados à insegurança urbana: muros altos, sistemas de vigilância privada, cercas elétricas, concertinas, sistema público de videovigilância, existência de enclaves fortificados das elites e classes médias altas, existências de áreas segregadas das classes empobrecidas, entre outros.

Dentre os principais objetivos, o estudo busca alcançar pontos relevantes como: i) Identificar os conteúdos que caracterizam a formação socioespacial do Oeste Catarinense; ii) Analisar o papel do consumo dos elementos ligados à securitização na produção/apropriação do espaço, buscando aspectos gerais e particulares; iii) Identificar a expressão das representações de insegurança urbana, tanto para os segmentos sociais com maior poder aquisitivo quanto para os mais pobres; iv) Observar as práticas espaciais em busca por segurança dos diferentes segmentos sociais; v) Entender se as diferentes formas de securitização adotadas pelos citadinos contribuem para o desenvolvimento da fragmentação socioespacial e, por conseguinte, interferem nas condições de realização do direito à cidade; vi) Identificar e caracterizar os diferentes enclaves socioespaciais que constituem as cidades analisadas, considerando os enclaves fechados das elites e segmentos médios e também os enclaves estigmatizados dos segmentos pobres, observando como eles contribuem na quebra da organicidade das cidades; vii) Contribuir para a compreensão do processo de fragmentação socioespacial numa cidade média.

2 METODOLOGIA

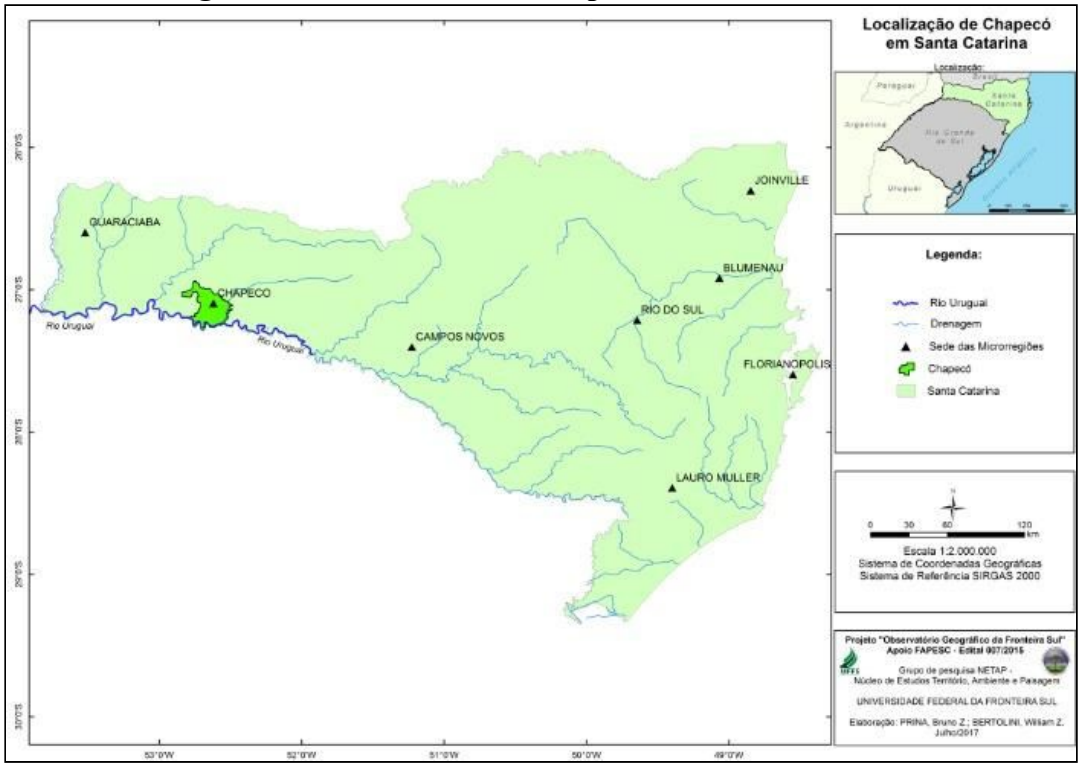
A metodologia utilizada para análise socioespacial do tema proposto pelo projeto são: i) Realização de leituras sobre a temática da produção do espaço urbano e da insegurança urbana; ii) Fazer observação sistemática e registro das estratégias adotadas nas residências face à sensação de insegurança: muros altos, cercas elétricas, câmeras de vigilância etc.; iii) Fazer levantamento sobre o uso em Chapecó de sistemas de videovigilância das vias públicas; iv) Levantar, identificar e enumerar as empresas de segurança urbana privada em atuação em Chapecó; v) Analisar o papel da mídia na propagação de uma sensação de insegurança urbana; e vi) Mapear os enclaves fortificados e os enclaves segregados no tecido urbano de Chapecó.

Até o momento, a pesquisa está na fase de realização de leituras e observação sistemática das estratégias de segurança presentes em Chapecó assim como de análise do papel da mídia na divulgação de notícias vinculadas às temáticas da insegurança e da violência.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa, mesmo estando em sua fase inicial, já possibilita algumas constatações referentes à produção do espaço urbano em cidades maiores, como as metrópoles tratadas por alguns autores em trabalhos utilizados como referência (CALDEIRA, 2000; SOUZA, 1996; 2008; CATALÃO, 2013) e também em cidades médias (MAGRINI, 2013; SPOSITO; GÓES, 2013), como é o caso de Chapecó (figura 1), compreendida sob esta noção a partir do trabalho de Matiello et al (2016).

Figura 1 - Localização de Chapecó em Santa Catarina



Fonte: Observatório Geográfico da Fronteira Sul.

Souza (1996) vai denominar a reclusão em condomínios fechados de "autossegregação", em contraponto à "segregação induzida", onde o autor traz que esta última "se refere basicamente aos loteamentos irregulares das periferias urbanas e às favelas" (SOUZA, 1996, p. 54). A produção de condomínios fechados, residências cercadas por muros altos, e ambas dotadas de sistemas de vigilância e controle, constituem-se de expressões materiais do imaginário da "in-segurança" (HAESBAERT, 2014) urbana contemporânea, em muito alimentada pela mídia com discursos sensacionalistas.

Tudo isso corrobora com a produção de fragmentações no espaço urbano, este que já é alvo de políticas de contenção territorial, como é o caso da cidade do Rio de Janeiro (HAESBAERT, 2014). Gomes (2005) chama a atenção para a desconstrução das práticas sociais em espaços públicos, fomentada sobremaneira pelo discurso que ronda a violência urbana. O autor também prefere definir a prática social realizada nas cidades como urbanidade, destacando que a mesma necessita de "respeito aos direitos e, sobretudo, de respeito à liberdade de cada um" (GOMES, 2005, p. 260).

Os enclaves socioespaciais (MAGRINI; CATALÃO, 2017), que são fruto de uma reclusão crescente dos citadinos, produz um deslocamento da prática quotidiana que deveria estar completamente ligada à vida nas cidades. Isso fragmenta e constrói uma demanda – perversa, diga-se de passagem – para a edificação de novos espaços, dessa vez privados, para as relações sociais.

Esses elementos alimentam uma relação interdependente: ao tempo em que a vida urbana se fragmenta, onde de um lado a população se isola em seus próprios enclaves extremamente vigiados e controlados, longe do "caos urbano" (GOMES, 2005; SOUZA,

1996; 2008), de outro se vive uma situação de conflito para com os menos privilegiados, com uma violência e criminalidade crescente, a qual promove o discurso da insegurança urbana.

Ambos se justapõem, pois, a verdadeira prática urbana, conforme Gomes (2005) demonstra, necessita de cordialidade, respeito e certas tolerâncias, as quais descendem de uma sociedade verdadeiramente democrática. Nesse sentido, a urbanidade torna-se impossibilitada, uma vez que uma parcela da população (com maior poder político-econômico) que vive nas cidades opta por um enclausuramento de sua prática urbana, fragmentando as relações e permitindo um caminho trilhado pelo Estado de repressão e controle de maneira desumana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esses desdobramentos, constrói-se a compreensão da insegurança urbana e sua condição-consequência de fragmentação das práticas socioespaciais, neste caso, em uma cidade média, Chapecó, longe dos grandes centros metropolitanos, mas que reproduz elementos dessas formas urbanas distantes mas, ao mesmo tempo, próximas, graças aàs interlocuções e mediações proporcionadas pelas redes de comunicação e de mídia.

Uma análise mais aprofundada das estratégias de segurança adotadas na cidade nos possibilitará compreender melhor a amplitude do fenômeno e entender as particularidades chapecoenses em seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

CALDEIRA, T. P. R. (2000). *Cidade de muros*. São Paulo, Brasil, Edusp.

CAPRON, G. (2006). *Quand La ville se ferme*. Paris, França, Breal.

CATALÃO, I. (2013). *Diferença, dispersão e fragmentação socioespacial: explorações metropolitanas em Brasília e Curitiba*. Tese (Doutorado em Geografia). Presidente Prudente, Brasil/Avignon, França: Universidade Estadual Paulista, Université d'Avignon et des Pays de Vaucluse.

CATALÃO, I.; MAGRINI, M. A.; LINDO, P. (2018). Urbanização, (contra)desenvolvimento e direito à cidade. *Boletim de Geografia*, 36 (3), no prelo.

GOMES, P. C. C. (2005). O silêncio das cidades: os espaços públicos sob ameaça, a democracia em suspensão. *Cidades*, 2 (5), pp. 249-265.

HAESBAERT, R. (2014). *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

HASS, M. (2013). *O linchamento que muitos querem esquecer*. Chapecó, Brasil, Argos.

MAGRINI, M. A. O. (2013). *Vidas em enclaves: imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos*. Tese (Doutorado em Geografia). Presidente Prudente, Brasil: Universidade Estadual Paulista.

MAGRINI, M. A.; CATALÃO, I. (2017). Del derecho al consumo al derecho a la ciudad: contradicciones y convergencias. *EURE*, 43 (130), p. 25-46.

MATIELLO, A. et al (2016). Chapecó/SC: o agronegócio, o setor terciário em expansão e a crescente desigualdade socioespacial. In: SPOSITO, M. E. B.; e MAIA, D. S. (Ed.). *Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Dourados e Chapecó* (pp. 171-319). São Paulo, Brasil, Cultura Acadêmica.

SALGUEIRO, T. B. (1997). Lisboa, metrópole policêntrica e fragmentada. *Revista Portuguesa de Geografia*, XXXII (63), p. 179-190.

SOUZA, M. L. (1996). *Urbanização e desenvolvimento no Brasil atual.* São Paulo, Brasil, Ática.

SOUZA, M. L. (2008). *Fobópole*. Rio de Janeiro, Brasil, Bertrand Brasil.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. (2013). *Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial*. São Paulo, Brasil, Editora UNESP.